

Pedro Demo

Metodologia para quem quer aprender

Grupo 4

SÃO PAULO
EDITORA ATLAS S.A. – 2008

universidade gratuita de bom nível nos submetemos a cursinhos instrucionistas desbragados. Memorizamos conteúdos sob pressão por vezes desumana, e os esquecemos logo em seguida, razão pela qual é preciso refazer o mesmo cursinho, caso não se passe no vestibular. Não se aprende para a vida, mas para a prova. Como consequência, ficamos com apostilas, textos sempre encurtados, caricaturais, fórmulas prontas, de ninguém, cuja vantagem pretensa é que já vêm “bem pensadas”; basta reproduzir. Os espertos ganham fortunas com tais trambiques, enquanto os incautos os engolem como pílulas de salvação. Na verdade, não são nem água benta.

4 ARTE DE ESTUDAR

Abordo esta questão pela noção de “arte”, para evitar, desde logo, receita pronta. Receita de estudar coincide, sempre, com não saber estudar. Não se trata apenas de que estudar possui tons individuais, subjetivos, próprios em cada qual. Trata-se principalmente de que estudar implica criatividade e esta não pode ser formatada *a priori*. Entendendo-se estudar como criar, ultrapassa-se a expectativa de simples memorização, tão comum entre nós. Quando o professor pretende transmitir conteúdos curriculares, aula por aula, espera que tais conteúdos se fixem na cachola dos estudantes. Espera, no fundo, disciplina, atenção, memorização. Estou tentando dizer o contrário. Criatividade acarreta alguma disciplina – não se cria do nada, de qualquer maneira, ao léu – mas criatividade mesmo é algo indisciplinado, disruptivo, não rotineiro. Quem cria não faz todo dia a mesma coisa, nem espera que a mente funcione como rotina. Entendo, po-

rém, arte como criatividade de pessoas comuns, não como atividade excepcional. De certo modo, como todos nós somos únicos em termos de subjetividade, cultura, modo de ser, também somos produtos da arte da natureza e somos, nós mesmos, seus artistas. Não estou supondo, então, que estudar como arte implicaria extravagâncias. Ao contrário, imagino que seja atividade comum também.

Para alguns, estudar é prazer. Para muitos, estudar é sacrifício. Por isso, para estudar bem, o primeiro requisito é *motivação*. Motivação, porém, não coincide com prazer imediato, porque este, quase sempre, é fútil. Motivação diz respeito a envolvimento, o processo pelo qual nos sentimos apanhados, tocados, a ponto de parecer moto próprio. Pode tratar-se de processo doloroso, como é dar à luz, tentar o vestibular, passar no concurso, mas enfrenta-se com bom ânimo, porque nos envolvemos profundamente. De alguma forma, toda motivação implica prazer, mas existe o prazer imediato e o prazer profundo. O prazer imediato contenta-se com recompensas materiais, passageiras, superficiais, extensas, como é memorizar montanhas de conteúdos mal digeridos e passar no vestibular. O prazer profundo busca satisfação de teor imaterial, de longo prazo, intensa, duradoura, como é estudar bem, de tal forma que fique para a vida. Ocorre a muitos professores “obrigar” a estudar, porque – assim parece – os alunos só lêem, se forem obrigados. Embora na vida tenhamos que fazer coisas por obrigação, é sempre o caminho menos frutífero, por vezes contraproducente. Estudar só faz sentido por motivação.

Esta asserção se torna tanto mais lúcida, quanto mais vemos os estudantes manuseando entusiasmadamente o computador. Tratando-se de jogos eletrônicos, facilmen-

te surge dependência, e já não fazem outra coisa na vida. Embora exista futilidade à vontade no mundo do computador, nem faça sentido jogar o dia todo (sobretudo jogos triviais), não escapamos de constatar que existe aí motivação por parte de crianças, adolescentes, jovens. Dizem alguns que eles são “nativos”, enquanto os adultos são “imigrantes” no mundo virtual. Ainda que seja enigmática a familiaridade flagrante dos alunos com o computador – parece que um nasceu para o outro – isto sugere que a escola é chata, para dizer o mínimo, cada dia mais chata. Então, não é assim que aluno não tenha motivação. Não tem a dos adultos. Ler como lêem os adultos, por exemplo, pode ser algo estranho, assim como seria impor aos jovens que apreciem música clássica, não música contemporânea. A muitos adultos ocorre, com convicção arraigada, que música clássica é infinitamente superior à música atual, por exemplo, *rock*. Mesmo assim, os jovens, se tiverem liberdade de escolha, vão a um concerto de *rock*, não de ópera. Quem teria razão? Imagino que cada lado tenha sua razão. E isto bastaria para reconhecer que os jovens podem perfeitamente ter outra preferência. Assim, música como arte não é só a clássica. *Rock* também. Estudar como arte não é apenas o que fazíamos há muito tempo, digamos, fechados num cubículo, em silêncio, sob pressão dos professores e dos pais, horário marcado para começar e terminar, produtos especificados, sacrifício medido. Talvez possa ser outra coisa, mais bem motivada, e, ainda assim, suficientemente intensa.

A seguir, estudar carece de *disciplina*. Disciplina parece hoje palavrão, tanto abusamos dela em outras épocas. Na prática, tudo o que se faz sem disciplina não é produ-

tivo, porque se perde no cenário de alternativas, sem abarcar nenhuma propriamente. Podemos ver isso mais nitidamente no tempo de exercício repetitivo necessário para um nadador tornar-se de elite competitiva. São anos a fio, exercitando-se tenazmente, algo que só uns poucos se dispõem a fazer. No entanto, o resultado é o prazer subsequente do domínio avançado da técnica e proficiência. Temos da disciplina a noção vulgar de algo atormentado, uma prisão que nos toma de assalto, imposta de fora e de cima, da qual precisamos nos livrar, logo que possível. Disciplina não precisa ser mais que o tributo que fazemos, por vezes de maneira desastrada, à produtividade, eficácia, resultados. Quer dizer, disciplina não pode ser o sentido da vida, porque é simplesmente procedimento instrumental. Vale, se for útil. Falo, pois, de disciplina útil, supondo que existam inúteis, como é tolher a necessidade lúdica da criança por amor à disciplina. Entretanto, os pais percebem naturalmente que a criança, devendo poder brincar, não pode só brincar. Por exemplo, seria mais produtivo, ao comer, não brincar. Esta disciplina pode ser útil, sobretudo pode ser construída na criança com jeito, não com força.

Escola e universidade, historicamente, possuem relação conflituosa com disciplina. Há dois sentidos negativos: (i) disciplina é matéria de curso, dada “disciplinarmente”, ou seja, de modo estanque, em compartimento fechado, como todo curso; pode degenerar a “latim” próprio e inteligível para outros cursos, como seria *sociologuês* e *matemátiquês*; (ii) disciplina é bom comportamento, implicando reverência ao professor e à instituição, um resultado decantado antigamente como talvez o mais relevante da escolarização. Como tais sentidos estão caducando, também

por obra das novas liberdades e direitos garantidos aos jovens (com usos e abusos, claro), os professores sentem-se pressionados frente a alunos que não se dispõem mais a escutá-los com devoção. Dentro das modernidades à mão, pode-se mesmo sugerir que os professores deveriam, para além de certificarem-se profissionalmente, possuir habilidades motivacionais, quase uma habilidade de marketing. Poucos professores sabem – falando grosseiramente – “vender seu peixe” de modo minimamente adequado. Ao contrário, apenas dão aula. Gostar de aula é problema de aluno. Todo mundo já sabe que, se uma empresa assim se comportar, vai à falência. Aos poucos, entra em cena a noção empresarial nas escolas e universidades, mas em sentido muito negativo: o aluno, sendo “cliente”, manda, o que em geral significa que, tendo pago a mensalidade, deve ser aprovado. Esquece-se que as teorias do marketing fundam-se na qualidade do produto e do atendimento.

Nossa argumentação é outra. É fundamental saber motivar o aluno, não para que nos engula, mas para que estude a partir de razões que ele mesmo poderia criar. A primeira razão, em geral, é o próprio professor: se ele não for estudioso, será difícil impor estudo aos alunos. Uma segunda razão é tornar o assunto mais próximo da vida dos alunos, não necessariamente em termos utilitários imediatos, mas como algo que passa pela vida real. Alguns chamam a isto de “aprendizagem situada”, indicando a pertinência concreta do que se faz em sala de aula. Aprendizagem situada pode ser favorecida pelos cenários virtuais: ainda que simulados, podem tornar os assuntos mais palpáveis, visíveis, experimentáveis, à medida que se constroem plataformas em 3D, por exemplo. Assim, ao estudar matemá-

tica, em vez de ficarmos apenas em apresentação no quadro-de-giz ou algo similar de fórmulas e mais fórmulas, poderíamos armá-las virtualmente, pelo menos mais animadamente, com movimento e cores, para atrair a atenção, tornando-se ainda mais pertinente, se pudermos mostrar como funciona na vida concreta. O teorema de Pitágoras – o quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos – poderia, pelo menos, ser apresentado, em termos virtuais, mais dinamicamente, para podermos “ver”, apelando para os poderes da imagem animada.

Uma terceira razão é convencer (sem vencer) o aluno a apreciar o assunto por razões do próprio assunto, o que também depende de sua apresentação reconstrutiva. Gostar do que se faz ainda é a melhor idéia. Por isso mesmo, nem todo mundo gosta de tudo. A regra é: gostamos do que gostamos. Estudar, em geral, não aparece aí. Em parte, porque pintamos o estudo como sacrifício. Poderia ser algo feito por motivação interna, que é a motivação da motivação. Sendo assim, motivação interna não pode ser imposta (já não seria interna), mas, tipicamente, “motivada”: quer dizer, socraticamente falando, o estímulo pode vir de fora, mas a dinâmica é interna. Saber dedilhar esta dinâmica, com engenho e arte, é parte da habilidade docente. Ao mesmo tempo, há que se reconhecer que nem tudo se pode resolver: quem não gosta de matemática, dificilmente será matemático. Também não é assim que se pode fazer de todo mundo um matemático brilhante, porque não somos *tabula rasa*. Há certamente propensões que precisam ser respeitadas. Mas, mesmo não sendo matemática o forte de um aluno, pode-se motivá-lo a enfrentar a missão com menos sacrifício.

ESTUDAR	motivação
	disciplina
	indisciplina

Estudar carece, ademais, de *indisciplina*. Estudo apenas disciplinado tende a ser rotineiro, repetitivo, porque ordem é a regra da disciplina. Para ser criativo, precisa ir além do ordeiro e penetrar nos horizontes disruptivos, em que valem criatividade, originalidade, superação. Autoria é sempre ato de indisciplina, porque rechaça a repetição. Esta colocação desvela, no fundo, que disciplina e indisciplina dependem do ponto de vista. Do ponto de vista da ordem, desordem é indisciplina. Do ponto de vista da dinâmica irrepetível das coisas, ordem é indisciplina, porque imposta, artificial. Assim é: pessoas criativas vêem a ordem como imposta; pessoas rotineiras vêem a desordem como imposta. Na verdade, a natureza passa pelas duas: há o que se repete e há o que não se repete. Repetem-se os códigos, genes, estruturas – a natureza vai evoluindo, mudando, mas mantendo sua identidade. Não se repetem as individualidades, subjetividades – mantêm-se porque mudam. Podemos distinguir entre modos de ser e modos de vir a ser. Em ambos os casos, há “modos”, ou seja, estruturas que persistem, já que toda dinâmica expressa também estruturas recorrentes e toda estrutura sustenta dinâmicas. Não podemos nos inventar a cada dia. A própria noção de comportamento indica que também precisamos de rotina. Alguns primam pela rotina, outros pela invenção. A criatividade precisa de indisciplina no sentido de romper a mesmice de cada dia. Não pode, porém, ser apenas indisciplina, tanto porque não produziria nada, quanto porque seria insuportável na sociedade.

Aqui, trata-se de realçar o estudo criativo, aquele que resulta em autoria. Predomina entre nós a expectativa reprodutiva do estudo, por exemplo, quando dizemos que estamos “estudando” para o vestibular ou para a prova. De fato, “estudar” está em geral vinculado a tais ocasiões (vestibular, prova, concurso, teste), porque, a não ser sob pressão, não estudamos. Estudar não é parte da vida. Ao contrário, supõe-se que a vida deve parar para estudar. Esta expectativa jaz também na concepção de *campus* universitário: para estudar, saímos da cidade, reservamos um tempo específico e cronometrado, fazemos um parêntesis histórico e espacial. Parece coisa artificial, em parte pelo menos forçada. Por isso, também combinamos com maior dificuldade estudar com ato agradável. Um termo que usamos muito é “ralar” e significa sacrifício, por vezes lancinante. Não vemos ou não queremos ver a importância que o estudo tem para a construção da autoria, autonomia, originalidade. Entretanto, para que o estudo resulte nessas habilidades, supõem-se outros ambientes e motivações.

Embora se trate de óbvia simplificação, estudo criativo exige pelo menos duas atividades concatenadas:

- a) *pesquisar*: sem falar que o cérebro está bem mais preparado para pesquisar do que para escutar aula, quando pesquisamos com um mínimo de qualidade desconstruímos e reconstruímos conhecimento, colocando em ação um tipo de autoria certamente relativa, mas já efetiva; deixamos de lado o argumento de autoridade e passamos a preferir a autoridade do argumento; fazemos leituras questionadoras, contrapondo argumentos e

contra-argumentos, lemos autores para nos tornarmos autores, não para os reproduzir; aprendemos a indagar, duvidar, inquirir, assumindo que conhecer começa com questionar;

- b) *elaborar*: na prática, nunca temos uma idéia totalmente original, porque não somos, nós mesmos, originais; ao contrário, somos um elo de uma corrente sem fim para trás e para frente na evolução da natureza; porque não somos totalmente originais, prefiro o termo *reconstrução* do conhecimento, por ser mais pedestre; grandes gênios, por vezes, “constroem” conhecimento, os mortais reconstroem; elaborar significa tomar o conhecimento disponível e refazer do ponto de vista próprio, apoiado na argumentação mais cuidadosa possível; pode-se também produzir dados, mas, bem olhando, dados são também interpretações, nunca são evidentes, falam pela boca de uma teoria, não por si; elaborar é a maneira que temos de fazer textos próprios, dos quais somos autores.

Pesquisar precisa deter um mínimo de qualidade acadêmica, muito além do senso comum. Supõe “questionamento reconstrutivo”: (i) é crucial “questionar”, ou seja, contraler, desconstruir, duvidar; não questionar por questionar, mas questionar inspirado no autoquestionamento; só quem se autoquestiona pode questionar, porque aplica, antes de mais nada, a si mesmo a coerência do questionamento; (ii) é imprescindível “reconstruir”, não só para não ficar apenas com a desconstrução, a derrubada, mas sobretudo para pôr algo ainda melhor no lugar, ainda que

este algo seja, desde logo, objeto de desconstrução. Pesquisa não exige, necessariamente, produção própria de dados empíricos ou qualitativos, por mais que isto seja desejável. Podem-se, por exemplo, pesquisar idéias de um autor, a ideologia de um político, conceitos de uma teoria. Podem-se analisar de maneira alternativa dados existentes, até mesmo para mostrar que são mal postos e mal interpretados, ou também para concordar criticamente com alguma interpretação. O signo da pesquisa é desconstruir para reconstruir. Ao mesmo tempo, quando reconstruímos, nossa reconstrução será, a seguir, também desconstruída, dentro da dinâmica aberta do conhecimento criativo.

Elaborar requer habilidade de autor, autonomia de idéias, propostas próprias. Aí deve emergir também o tom pessoal, a interpretação própria, o jeito de cada um. Não é apenas jeito peculiar de ser. É principalmente o jeito particular de argumentar e contra-argumentar. Dizer qualquer coisa é fácil. Fundamentar tudo o que se diz é uma trabalhadeira. Esta é a regra: só vai para o papel aquilo para o qual temos argumento. Não é necessário ser extremista: há argumentos toleráveis de autoridade, aqueles que teriam mérito. Por isso, podemos/devemos citar autores, desde que façamos isso não para nos esconder, mas para nos tornarmos, ainda mais, autores. Todavia, a iniciativa mais relevante é elaborar com mão própria, cercando-se de todos os apoios possíveis, inclusive de autores citados, mas sem perder a autonomia. O exercício da autonomia é a alma da autoria. Não pode ser extremista, porque nossa autoria precisa saber conviver com outras autonomias. É engenharia pedagógica finíssima conseguir que as autonomias dos alunos se orquestrem, não desafinem. Como toda autono-

mia supõe alguma agressão, até mesmo para sair da sombra dos outros, é preciso saber lidar com isso, para não desandar em mera agressão. Não cabem autores intocáveis, impunes, mas democracia de autores.

5 ESTUDO VIRTUAL

O mundo virtual está mexendo profundamente com o desafio de estudar. Para muitos, a vida se tornou mais fácil, porque tudo se acha na Internet. Em vez ir para a biblioteca, vamos para a Internet, sem sair de casa. Com o advento da *wikipedia* e programas similares, a Internet tornou-se a nova biblioteca global, onde se podem encontrar textos de reconhecida qualidade acadêmica, ao lado de outros nem tanto. Quando o professor pede que os alunos façam algum trabalho em casa, mesmo insistindo que deve ser individual, é quase certo que vai ser feito em grupo via Internet, cada estudante em sua casa, mas em intensa interatividade e cuja autoria se perde no "coletivo". É quase certo também que vai ser "copiado"! Os internautas dizem que fazem um *remix*, ou seja, um "mexido", produto de outros textos, por colagem, justaposição, e mesmo plágio. Mas não precisa ser assim. O *remix* pode ser bastante original, quando a Internet é vista como plataforma de pesquisa e elaboração.

Isto ocorre, por exemplo, na universidade de pares (*peer university*), uma iniciativa de internautas, que, movidos por interesses comuns, estudam juntos soluções que lhes dizem respeito. Jogadores virtuais discutem sistemática e animadamente problemas que encontram nos jogos, possíveis saídas, invenções, alterações, derrotas e vitórias.